

ARTIGO



Maíra Habimorad
CEO do Inteli (Instituto de
Tecnologia e Inovação)

O diploma ainda importa na era da IA?

Esta é uma oportunidade para as universidades se reinventarem e formarem profissionais capazes de desenvolver soluções para os problemas da sociedade, utilizando a tecnologia como ferramenta

Quando o conhecimento se torna cada vez mais organizado e acessível, e o custo de empreender, cada vez menor, o valor de certificados focados em transmissão de conhecimento passa a ser questionado. Não significa que a universidade deixou de ser relevante, mas que precisa se reinventar para formar profissionais capazes de navegar o futuro. Como costume dizer, todo educador é, por definição, um futurista: ensina hoje algo que tenha seu valor preservado para o amanhã.

Os sinais de alerta de que o atual modelo de ensino superior está em colapso são evidentes. Nos Estados Unidos, a queda nas matrículas pode fechar mais de 25% das instituições particulares nos próximos anos. O ensino superior tem 2,3 milhões de estudantes a menos que em 2010.

Os motivos?

O ensino é caro, a universidade não garante mais o mesmo lugar ao Sol no mercado de trabalho e a academia demora a responder às demandas do mercado de trabalho e se adaptar à economia digital. Este movimento começou com a inversão da pirâmide etária. Agora, o rápido avanço da inteligência artificial generativa trouxe mais uma camada de pressão. A pergunta que fica é: qual o valor de investir anos em estudo formal para conquistar um diploma se conteúdos, antes dispersos e desorganizados, agora estão disponíveis de forma instantânea e estruturada?

Durante décadas, o diploma funcionou como um reconhecimento de conhecimento. Quem se formava sabia mais e, por isso, tinha melhores oportunidades. Mas, quando o conhecimento se torna acessível a quase todos, o valor do diploma como certificador de saber acumulado passa a ser questionado.

Isso não significa que a universidade deixou de ser relevante, mas seu modelo precisa mudar. A questão não é mais onde adquirir conhecimento e, sim, como selecionar, curar, criticar e saber aplicá-lo de forma prática para resolver problemas reais.

E já vemos o mercado de trabalho se reorganizando diante da nova lógica imposta com a IA, com profissões desaparecendo, substituídas pela tecnologia.

Na outra ponta, surgem os builders, profissionais “construtores”

capazes de identificar problemas e desenvolver soluções estruturadas, utilizando tecnologia como ferramenta.

Entre esses dois perfis, o uso da tecnologia vai pressionar os demais profissionais, que passarão a atuar da maneira “aumentada”: será exigida uma entrega com mais produtividade, velocidade e eficiência.

Formar builders está na margem oposta dos acumuladores de conteúdo.

O modelo tradicional de ensino, baseado em aulas expositivas,

disciplinas isoladas e foco em memorização, não responde mais ao novo cenário imposto pela IA. Se o conhecimento está acessível, o diferencial passa a ser a capacidade de usá-lo com inteligência, crítica e capacidade de aprender continuamente. Mais do que dominar conteúdos, os profissionais precisarão ser estimulados a desenvolver o que o mercado chama de soft skills.

A mudança estrutural passa por menos teoria desconectada e mais resolução de problemas. Menos acúmulo de conteúdo e

mais projetos interdisciplinares. Menos avaliações padronizadas e mais experiências práticas.

Nesse novo modelo de ensino, a educação superior deve se reposicionar como um espaço de desenvolvimento de autonomia intelectual, pensamento crítico e capacidade de resolver problemas complexos. Porque, neste novo mundo, o diferencial é saber aplicar o conhecimento para desafios sociais ou de negócios.

Esse é o único caminho para as universidades resgatarem o valor do diploma.

